

Situação crítica

LUÍSA MEDEIROS E
MARCELA DUARTE
DA EQUIPE DO CORREIO

Apesar das medidas emergenciais tomadas pela Secretaria de Saúde, que remanejou médicos do quadro para atender nos prontos-socorros, a paralisação dos residentes causou transtornos a pacientes das oito regionais do DF. Os reflexos foram imediatos: longas filas de espera, cirurgias canceladas, atendimentos ambulatoriais suspensos e muito trabalho para os médicos mais experientes. A previsão dos profissionais é que o funcionamento dos serviços piore ainda mais hoje, devido ao acúmulo de trabalho. Enquanto isso, o efeito cascata na rede poderá prejudicar o funcionamento dos hospitais nos próximos dias. Esse reflexo preocupa, por exemplo, a diretora do Hospital São Vicente de Paula, Hiltanice Bezerra. "Acreditamos que se a greve permanecer a qualidade do atendimento irá cair", alerta.

No início da manhã, a dona-de-casa Maria Aparecida da Costa e Silva, 24 anos, sentiu os primeiros efeitos da paralisação dos residentes. Desde quarta-feira ela acompanha o filho na emergência do Hospital de Base. Marcelo, 4 anos, quebrou o braço após uma queda dentro de casa, mas soube ontem que não faria mais a operação. "Fui informada que foi desmarcada por falta de residentes. Não há mais previsão agora", revela.

O diretor do Hospital de Base, Milton Menezes Neto, comentou que só duas cirurgias que precisavam de anestesia local foram canceladas na instituição. "Colocamos um médico extra na emergência e outro na enfermaria para evitar sobrecarga no atendimento", afirma.

No Hospital Regional da Ceilândia (HRC), Maria Alzenir Pereira Braga, 35 anos, também teve a cirurgia cancelada. Desde 1997, ela espera pelo atendimento na rede pública de saúde. A diarista internou-se na tarde de quarta-feira, mas na manhã de ontem, já na sala de cirurgia, recebeu a notícia. "É um absurdo. Eles me chamaram ontem, disseram para eu vir que estava tudo certo. Eu

Carlos Moura/CB



HOSPITAL DE BASE

MÉDICOS RESIDENTES NÃO FICARAM SATISFEITOS COM A RESPOSTA DA SECRETARIA DE SAÚDE E DECIDIRAM SUSPENDER OS ATENDIMENTOS POR 24 HORAS

Carlos Moura/CB



SEM PREVISÃO

MARCELO, 4 ANOS, PRECISA DE CIRURGIA NO BRAÇO, MAS NÃO FOI ATENDIDO

paguei os exames em hospitais particulares, corri para fazer tudo. E agora, quando vou conseguir?", diz desapontada.

O diretor da Regional de Saúde da Ceilândia, Elidimar Bento, classificou o caso de Maria Alzenir como uma situação "pontual". Disse que, apesar da paralisação, o hospital conse-

guiu manter o atendimento regular. "Aqui, os residentes atuam em áreas como cirurgia e ginecologia. Em uma avaliação geral, não tivemos grandes problemas, hoje, e nem demora. Uma coisa é certa, os profissionais que estiverem no atendimento, vão trabalhar em dobro", afirma.

Kleber Lima/CB



NO GAMA

DIARISTA MARIA ALZENIR JÁ ESTAVA INTERNADA, MAS A CIRURGIA FOI ADIADA

Negociações

Embora o clima no primeiro dia de paralisação dos residentes não tenha sido de desordem nas unidades de emergência dos hospitais públicos, cerca de 80% dos 600 da categoria suspenderam os serviços emergenciais, ambulatoriais e cirúrgicos em oito regionais. Mas o impacto

nos atendimentos à população não foi pior por conta da estratégia de remanejamento de médicos do quadro. Na maioria dos hospitais formaram-se filas longas, ocorreram cancelamento de cirurgias e consultas.

O retorno das atividades só ocorrerá depois que o governo local apresentar uma proposta ofi-

cial em relação às reivindicações da categoria. A decisão foi tomada por cerca de 150 médicos residentes decidiram na manhã de ontem, em assembléia no Hospital de Base, cruzar os braços enquanto o GDF não apresentar uma proposta à categoria.

A decisão foi tomada após reunião entre representantes dos bolsistas e da Secretaria de Saúde, às 7h. Apesar de meia hora de negociações, nada ficou acertado entre as partes. Segundo o vice-presidente da Associação Brasileira dos Médicos Residentes (Abramer), Márcio Almeida Paes, existe uma disposição do governo para cumprir as reivindicações dos residentes, mas há implicações jurídicas que travam os acordos até agora desenhados.

Na última quarta-feira, o subsecretário de Atenção à Saúde, Evandro de Oliveira, informou ao Correio que o governo estava fazendo cálculos e estudando alternativas para poder atender à demanda dos residentes. Os profissionais querem um reajuste de 53,7% sobre o valor da bolsa de R\$ 1.459 (que aumentaria em R\$ 410 mil o valor da folha atual); cumprimento da carga horária semanal de 60 horas; contratação de médicos orientadores (staffs e preceptores) e compra de equipamentos e materiais de trabalho. O subsecretário explicou que a proposta só será anunciada oficialmente quando o governo tiver um respaldo jurídico.

Enquanto isso, os residentes permanecem de braços cruzados. Hoje haverá outra assembléia, às 8h, em frente ao Hospital Regional da Asa Sul (Hras). Ele afirma que os bolsistas não querem prejudicar a população e salienta que os serviços devem ser mantidos pelos médicos mais experientes. O 2º secretário e atual ex-presidente do Conselho Regional de Medicina, Luiz Fernando Salinas, alerta, no entanto, que o Código de Ética Médica é claro: defende a greve, mas proíbe o abandono de plantões. "Podemos abrir sindicância caso seja denunciado a infração", cita. O presidente da Abramer, Leonardo Moreira, discorda da posição do CRM. "Somos pós-graduandos e não médicos contratados dos hospitais. Isso não serve para nós", acredita.

NUTRICIONISTAS TAMBÉM PARAM

A paralisação dos médicos residentes recebeu apoio de colegas que também prestam serviço na rede pública de saúde. Os 21 residentes em nutrição no DF estão de braços cruzados enquanto o governo local não apresentar uma proposta sobre a pauta de reivindicações dos bolsistas. A representante do movimento, Regina Albuquerque, explica que o pleito dos profissionais em nutrição é igual ao dos médicos bolsistas. Além disso, o valor pago pela bolsa é igual.